

escola de
narradores
online

GUIA MÓDULO I

formação via  Google Meet

escola de narradores online



GUIA MÓDULO I • PARTE I

**Contos populares
e tradição oral, ou a arte
de escrever na areia**

Formadora: Ana Sofia Paiva

UMA CARTA DE SILÊNCIO

O começo é uma zona perigosa do discurso:
o princípio da palavra é um acto difícil; é a saída do silêncio.

Roland Barthes
in, Escritores, Intelectuais, Professores
e outros ensaios

Contar histórias é um artesanato, uma dedicação manual de tempo, um ofício de sementeira. De quando em quando, urge fazer o pousio: interromper a lavoura para que a terra fique mais fértil. Perdi a conta aos dias que fiquei sem contar. Devo explicar, antes de mais, que enveredei voluntariamente pelo caminho do silêncio. Confesso não sentir saudades. Estou ancorada no provérbio que diz: “A melhor altura para plantar uma árvore foi há vinte anos. A segunda melhor altura é agora.” Tenho plena confiança nas plantações do passado, encontro-me serenamente abrigada pelas colheitas do presente e o futuro é uma esperança. (Esperança deriva de esperar e tem como radical um vocábulo latino breve e maravilhoso: spe, que também funda a palavra prosperar. Spe significa simultaneamente confiar em algo bom, expandir e fazer. Esperar é, assim, um movimento: significa levar a cabo um projecto com confiança num resultado positivo, expandindo o nosso meio ambiente.) É no tempo da espera que geramos esperança. É no tempo da espera que habitam as histórias. Eu não sinto saudades de contar as histórias que me habitam. Talvez por isso mesmo: elas habitam-me, com as


suas linguagens, metáforas e símbolos. Os contos conhecem bem o seu lugar dentro da casa que lhes dou. As narrativas encontram espaço e tempo nos meus campos de cultivo. Faço questão que nada lhes falte, dedico-me inteiramente ao seu cuidado para que se sintam livres de estar, partir ou regressar. Histórias são gente que vive comigo — todas e cada uma, amizades conquistadas. Respeito o supremo interesse destas minhas afeições leais a quem devo muito do que sou. Por elas, por quem escuta e por mim, sim: enveredei pelo caminho do silêncio e não pretendo regressar. Espero que essa longa estrada de sentido único, aquela que escolhi, me leve ao encontro da palavra.

Ana Sofia Paiva



Ana Sofia Paiva

Sou atriz, aprendiz e outras coisas. Filha das margens e do vento, neta de Lisboa antiga, afilhada de algum Norte e todo o Sul, cresci com histórias, cantes, descantes e muita sede de raiz. Dedico-me desde 2008 à narração e investigação de contos de tradição oral, dentro e fora de Portugal, ouvindo e contando para traçar a minha própria geografia. Passei por diversos encontros de narração oral por toda a Europa, Irão, Cabo Verde, Canárias, América do Sul e EUA, contando em português, inglês, francês e espanhol. Sou formada em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema (2001) e pós-graduada em Promoção e Mediação da Leitura pela Universidade do Algarve (2012). Trabalho como atriz, contadora de histórias e investigadora de contos populares de tradição oral, sendo membro do Instituto de Estudos de Literatura e Tradições (FCSH-UNL), do Centro de Estudos Ataíde Oliveira (FCHS-UAAlg) e da cooperativa Memória Imaterial. Entre a oralidade e a escrita, dedico-me desde cedo à poesia como ofício de culto. “Serpe - As três águas do encanto” (2018) é o meu primeiro livro publicado.



Módulo I - Parte I (6h/a)
Contos populares
e tradição oral, ou a arte
de escrever na areia

Formadora: Ana Sofia Paiva

Contos populares e tradição oral, ou a arte de escrever na areia

A Humanidade é comunicante: funda-se e aprofunda-se nos seus mitos, nas suas histórias. As qualidades de um narrador são inerentes ao ser humano, desenvolvendo-se continuamente na prática de ouvir, contar e habitar o mundo poeticamente, como sugere Edgar Morin. Os contos populares conferem um imenso poder transformador a quem os escuta; fornecem pistas de sobrevivência, são autênticos “mapas codificados para orientação numa realidade por vezes difícil”, escreve Maria Teresa Meireles. Os contos tradicionais de transmissão oral encerram ferramentas significativas para o processo de apreensão do mundo e dos seus códigos, de compreensão do eu e do outro, conduzindo o indivíduo a encontrar respostas às suas questões e um sentido para a vida — a construir, portanto, a sua própria narrativa. O acto de contar, na sua dupla forma edificante, é estruturador do pensamento e fundador da história da Humanidade.

O contador une à voz e ao corpo a sua alma, e os seus olhos e mãos desenham o tempo da partilha com gestos apreendidos pela experiência. A passagem do tempo no corpo, na vida do contador, molda-o, ser humano que é – e quanto mais humano, melhor contador. O acto de contar adquire um carácter de inovação permanente: ao contador assiste a necessidade não apenas de apropriar-se, mas de recriar. Os contadores das histórias do mundo são agentes de mudança: uma mudança de posicionamento em relação a si mesmos e ao todo.

Conversaremos sobre isto e mais, que a conversar é que a gente se entende.

Tópicos de reflexão:

- Património oral como primeira grande leitura;
- Repertório de Contos Populares;
- Contos de fadas, maravilhosos ou de encantamento;
- Voz/Oralidade/Performance oral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Catálogo dos contos tradicionais portugueses (com as versões análogas dos países lusófonos e antologia de versões — Isabel David Cardigos, Paulo J. Correia. Porto: Afrontamento; [Faro] : Centro de Estudos Ataíde Oliveira da Universidade do Algarve, 2015.

In and Out of Enchantment: Blood Symbolism and Gender in Portuguese Fairytales — Isabel Cardigos dos Reis. Helsinki: Finnish Academy of Science and Letters (FF Communications 260), 1996.

Orality and Literacy: the Technologizing of the World — Walter Ong. New York: Routledge Taylor and Francis Group, 2002.

Language and Science: Essays on Language, Literature and the Inhuman, George Steiner — London: Yale University Press, 1998.

The Hero with a Thousand Faces — Joseph Campbell. New York: Pantheon Books, 1949.

escola de narradores online



GUIA MÓDULO I • PARTE II

O lugar onde moram as palavras

Formadora: Cristina Taquelim

CARTA DE BOAS VINDAS

Há desafios que chegam em boa hora e este apanhou-me em hora incerta, em tempo incerto, entretida com a vida e atarefada em cuidar do quintal e da CASA.

Aprendi o valor da palavra muito cedo. Vivi numa casa onde a palavra sempre serviu para contar os dias, para pensar os dias. Não sei quando a escutei pela primeira vez. Imagino que a minha primeira palavra me tenha chegado quando ainda tinha a água como morada e que essa primeira palavra era líquida e rica em afectos. Depois conheci a palavra embalo, cantada e “recontada”, marcando os ritmos do corpo e do crescer, suportada nas vozes que ressoam ainda dentro de mim, vozes que teceram as minhas primeiras emoções, que me estimularam a sensorialidade e me espantaram os medos.

A oralidade foi o meu primeiro berço. Nele escutei cantigas de embalar, jogos de dizer, de contar, de nomear, contos cumulativos, contos maravilhosos que, permanentemente recriados, contaminam ainda hoje a minha actividade de mediadora de leitura. Creio não existir outra expressão tão integrada e multidimensional de tocar a criança, como a oralidade, pois ela está acompanhada pelo gesto, pelo jogo, pela poesia, pela melodia e também pelo silêncio fundamental à escuta.

Estas linhas revelarão como o meu olhar da Psicologia se foi renovando na relação com o livro para a infância, com a literatura, com os textos do imaterial. Como a minha actividade de bibliotecária, a trabalhar com a palavra, em intervenção precoce, em literacia familiar, em educação de

adultos, foram adensando a consciência da dimensão humana e social do trabalho de mediação. Talvez estas linhas não pretendam mais do que constituir-se como um agradecimento aos mestres, a todos os que nestes quase trinta anos me emprestaram o seu tempo e as suas orelhas e também a cada um | uma de vós que escolheram entrar neste barco e fazer esta viagem.

Enquanto mediadora da leitura, trabalho com o que nos distingue dos bichos: a capacidade de nomear pela palavra e a capacidade de criar. Trabalho com o eterno da escrita e com o efémero da oralidade. Muitas vezes, com a intuição, com o improvisado, o que torna cada interação irrepetível. Tenho uma pequena mala de objectos narrativos, também livros e que umas vezes são âncora, outras vezes são vela, outras vezes são chave. Sou uma recolectora de histórias de leitura. Guardo um alqueire de histórias de memória e conheço muitas bibliotecas humanas. Gosto de acender o lume e a noite com histórias. Sou muitas vezes uma reparadora de ausências: uma espécie de contadora ou leitora de serviço, em contextos desavindos com a prática leitora, uma espécie de escutadora de aluguer, em contextos de isolamento e solidão. Como as bruxas, tenho o vício das metáforas e da poesia.

Ter uma raiz, oportunidades educativas, artísticas, profissionais desafiantes foram elementos centrais na minha história e na educação do olhar. Ser amada pelos meus, terá sido talvez a vivência mais importante. Ter tido a oportunidade de habitar uma Biblioteca Pública durante quase trinta anos e fazer parte de tantas histórias leitoras e não leitoras, foi talvez a mais impactante: deu-me mundo, horizonte, a exacta dimensão do que

não sei. Acordou em mim a consciência da dimensão relacional e social do trabalho de mediação e alimentou-me a certeza do potencial da experiência artística como instrumento de transformação dos sujeitos. Também para mim ela foi transformadora. Chegar ao Alentejo e ali plantar o meu loureiro, possibilitou-me trabalhar com o melhor que há no mundo, as histórias, os miúdos e os velhos, e a devolver-lhes em dobro, experiências com significado. Se tudo acabasse agora, já teria valido a pena e isso basta-me.

Cristina Taquelim



Cristina Taquelim

Licenciada em Psicologia e Pós- Graduada em Ciências Documentais, fui, entre 1990 e 2020, técnica da administração local - Biblioteca Municipal de Beja José Saramago. Nesta qualidade concebi e dinamizei programas de literacia familiar/programas de apoio ao desenvolvimento literário de comunidades educativas/programas de desenvolvimento pessoal e de estimulação cognitiva com adultos em situação de exclusão social e seniores. Coordenei, até Agosto de 2018, o projecto Palavras Andarilhas, e até Janeiro de 2020 os serviços de mediação de leitura desta Biblioteca.

Enquanto narradora, conferencista e formadora, tenho participado em inúmeros encontros/projectos em Portugal, Brasil, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Argentina, Macau, México, Espanha. Trabalho como Narradora Oral desde 1990, tendo participado nos principais Festivais de Narração em Portugal, Espanha e Brasil.

Acredito que ler e contar são formas de desenhar janelas para a diversidade das linguagens do mundo. Também as do mundo interior. A palavra da literatura e da oratura são ferramentas que celebro todos os dias. Gosto de imaginar bibliotecas sempre cheias, crianças felizes e velhos serenos. Gosto de desenhar lugares onde, em torno das palavras, nos juntamos para celebrar os dias e as horas: jardins, praças, aldeias e largos. Dos contos sei que os escuto cada vez melhor. Por ter a cabeça cheia de perguntas, medos e viver quase sempre deslumbrada com a vida, leio, conto – e, às vezes, escrevo: Malaquias (RHJ), Na Minha Casa Somos Sete (Pé de Página), Uma Casa na Lua (Paulinas Ed.), Corrupio (Ed. Lê), Uma Avó do Coração (0 a oito) , foram alguns títulos publicados.

Módulo I - Parte II (2h/a)
O lugar onde moram
as palavras

Formadora: Cristina Taquelim

O lugar onde moram as palavras

Sei de um lugar onde moram as palavras. Uns chamam-lhe Memória. Outros chamam-lhe Tempo. Outros ainda Silêncio, pois dizem que dentro do silêncio moram todas as palavras que temos dentro. A narração oral e a mediação são formas de iluminar os caminhos que nos conduzem a esse lugar. Como cúmplices fundem-se na construção dos diálogos entre as histórias escutadas – contadas, lidas - as vividas - que habitam a experiência do sujeito, as sonhadas. Sem esse encontro de histórias não acontece a leitura.

Será este o lugar a partir do qual iremos pensar sobre leitura e histórias de leitura, reflectindo sobre o papel podemos cumprir nessas histórias. Que leitores? Que leituras? Que competências? Que contextos? Que textos?

Mediação de leitura para apoiar o pensamento e a linguagem, para dar voz ao inominável, apoiar a construção de sentido e autonomia do sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Rodari, Gianni: **Gramática da Fantasia**, Caminho, Lisboa, 1993.

Equipo Peonza: **El rumor de la lectura**, Anaya, Madrid, 2001



escola
de **narradores**

Formação de Contadores de Histórias
Brasil, Portugal, América Latina e Espanha
Cursos online e presenciais

escoladenarradoresonline.com

 **[/escoladenarradores](https://www.facebook.com/escoladenarradores)**

 **[@escoladenarradoresonline](https://www.instagram.com/escoladenarradoresonline)**

realização



parceria

